

“Já senti que não fui escutada nem respeitada, e passei por situações desagradáveis por ser pobre, negra e mulher. No movimento Black Lives Matter, eu percebi que nós, negras, fomos procuradas pelas nossas dores, mas não pelo nosso trabalho, o que também é uma forma de violência”

Jal Vieira, estilista

coletividade, sobre as pessoas que me atravessam, quem eu amo, sobre o que eu sinto.” Graças à representatividade que carrega, sendo uma mulher negra, lésbica e periférica, Jal teve de lidar com situações de invisibilidade e violência. “Acabei passando por todas essas violências históricas que essas pessoas passam. Já senti que não fui escutada nem respeitada, e passei por situações desagradáveis por ser pobre, negra e mulher. No movimento Black Lives Matter, eu percebi que nós, negras, fomos procuradas pelas nossas dores, mas não pelo nosso trabalho, o que também é uma forma de violência”, relata.

Na visão da estilista, assim como as demais áreas, a moda deveria ser mais plural e equitativa, de forma a dar espaço para corpos diversos, não só nos palcos, como também nos bastidores. “A gente fala muito sobre representatividade, sobre rostos pretos e indígenas em campanhas, todos esses corpos que foram excluídos, mas a gente tem que tomar cuidado também com a estrutura que está por trás disso. Não é somente estampar o rosto de uma pessoa negra em uma campanha, mas entender também todas as pessoas que estão por trás dessa campanha. Acho que é muito mais sobre estruturar todo esse sistema com corpos que se enxerguem um no outro. Não só na frente das câmeras, como por trás delas também”, comenta.

Coleção Realeza

O envolvimento pessoal com essas temáticas, além da participação na Casa de Criadores, abriu portas para que a Marvel chegasse até a estilista. “Fiquei sabendo que a Marvel já estava me sondando. Foi uma conversa muito grata, de admiração

mútua, porque eu acompanho a Marvel desde criança. Então, saber que ela acompanhava meu trabalho e tinha interesse em mim, me admirava, me deixou muito feliz. Eu pude ter mais certeza de que estava no caminho certo”, conta.

Para Jal, é uma grande responsabilidade estar à frente do projeto da Marvel, que integra outras iniciativas que estão em curso. “A gente está fazendo história. Eu entendi o quão fundamental era que a história que fosse contada ali fosse verdadeira, que outras pessoas pudessem se espelhar de alguma maneira. Na coleção, eu trago mulheres reais do nosso dia a dia. Além disso, todo o processo envolveu corpos pretos.” O mais gratificante para a estilista foi saber que a voz dela estava sendo respeitada durante todo o processo, consolidando o empenho da Marvel em trazer mais equidade não apenas nas telas de cinema, como também nas campanhas publicitárias.

Ciente do papel inspirador que exerce, Jal

procura tomar cuidado com a mensagem que passa em seus trabalhos, dando ênfase aos conceitos de pluralidade, respeito, afeto e troca. Um episódio que demonstrou essa influência foi quando, após realizar uma palestra, ela recebeu relatos de estudantes de moda sobre a surpresa de terem visto pela primeira vez uma mulher negra e da periferia tendo sucesso no ramo.

Quanto ao futuro, além dos desejos de estudar fora, ampliar a marca, fazer novos projetos e se dedicar às questões sociais, a estilista pretende colher os frutos do que já está plantando agora, no presente. “Eu acho que meu maior plano futuro na verdade é presente, é algo que eu já estou galgando de agora. É muito mais que alcançar outros espaços, é fazer com que o meu trabalho também possibilite acessos para outras pessoas pretas, outras pessoas que têm esse acesso dificultado historicamente. É trazer os meus comigo. Esse é o meu principal plano: voar junto com os meus”, projeta.

Rony Hernandes/Divulgação



Parte da coleção Realeza, inspirada nas mulheres de Wakanda, país fictício do filme Pantera Negra